

O GRUPO COMUNISTA INTERNACIONALISTA DA HOLANDA

Anton Pannekoek

A Primeira Guerra Mundial e as posteriores revoluções na Rússia e Alemanha colocaram novos problemas e promoveram profundas mudanças nas idéias dos operários e dos socialistas. O Partido Social-Democrata Alemão, uma poderosa organização que aparentemente tendia a conquistar a hegemonia política e, portanto, estabelecer o socialismo, mal alcançou o poder e se dedicou a restaurar o capitalismo. Na Rússia, os operários venceram o czarismo e tomaram a posse das fábricas e da terra; atualmente o capitalismo de Estado os levou a uma escravidão ainda mais rigorosa sob uma nova classe de senhores. E o culpado não foi somente o reformismo; as mais notáveis vozes do radicalismo inflexível, conhecidos como marxistas, tais como Kautsky e Lênin, contribuíram com este resultado. Sem dúvida, algo ruim deve existir na doutrina dominante.

A doutrina dominante dizia que os proletários instaurariam um governo socialista através de eleições parlamentares; então os políticos e representantes teriam que levar adiante a tarefa essencial de expropriar os capitalistas, abolir a propriedade privada dos meios de produção, e organizar a produção. O sistema derivado desta concepção é a propriedade pública, onde os operários são assalariados a serviço do Estado, o que é totalmente distinto da propriedade coletiva, na qual os operários são os donos diretos das empresas e regulam o próprio trabalho. No último caso surge o problema de como estas empresas podem ser combinadas em uma organização social corretamente planejada. Depois de debates polêmicos e intensa atividade cultural, distintos grupos esquerdistas se afastaram dos partidos socialistas e comunistas e

buscaram descobrir que outras formas de ação poderiam levar a classe operária à liberdade.

Os refugiados políticos na Holanda que haviam tomado parte nas lutas dos operários alemães de 1920 a 1921, na rebelião do Ruhr e nas fábricas da Saxônia, haviam experimentado a riqueza das iniciativas e capacidades que surgiam das massas quando estas enfrentavam a tarefa de organizar-se a si mesmas, sua vida e sua luta. Na Holanda, devido a sua situação no meio de influências inglesas, francesas e alemãs, havia penetrado um entendimento teórico fundamental em amplos grupos de operários e intelectuais. Da colaboração entre estes surgiu um grupo de militantes, chamado “Grupo de Comunistas Internacionalistas” (GIC), que se dedicou ao estudo da base econômica da nova sociedade. Sabiam muito bem que a revolução dos operários não traria imediatamente, como por um milagre, um mundo de abundância no qual todos poderiam consumir o que quiser. A nova ordem socialista tinha que ser construída através de uma dura luta e árduo trabalho de deliberação, por meio de uma organização bem desenhada, segundo regras de estrita igualdade proletária. Cada forma de sociedade tem sua base material sólida em um sistema econômico, um modo de produção e distribuição, que determina sua estrutura e caráter. Já anteriormente à guerra, principalmente depois, muitos autores se ocuparam deste problema econômico (Kautsky, Hilferding, Neurath, Leichter, Max Weber, Cole, etc.). Porém, todos assumiram como base a necessidade de um poder central de direção, um governo que imponha sua regulação sobre as distintas unidades de produção. Os

escritores anarquistas proclamaram a autonomia das distintas oficinas; porém, deixavam a conexão destas em uma organização dependente da boa vontade.

Quando o GIC estudou o problema principal do socialismo, de como combinar a liberdade com a organização, percebeu que somente tinham que dar continuidade às indicações do pensamento exposto por Marx em pequenas notas ocasionais, em *O Capital*, e em suas observações ao Programa de Gotha do Partido Social-Democrata Alemão. Marx não falava ali de socialismo de estado, ao que ele se opôs radicalmente, mas da “associação dos produtores livres e iguais”, dirigindo eles mesmos o seu trabalho; ele afirmou que ao invés do valor e do dinheiro seria o “tempo médio de produção”, medido em horas de trabalho, que formaria a base do novo sistema econômico. Estas idéias, que os escritores “marxistas” abandonaram por completo, foram objeto do trabalho pelos autores do GIC em um importante livro: *Princípios Fundamentais da Produção e Distribuição Comunistas*, que apareceu em 1930 em alemão e holandês. Ali se demonstra que através da contabilidade em cada empresa, completada pelo registro e pela contabilidade dos processos de produção social, com base nas horas gastas, os mesmos operários eram capazes de supervisionar e dirigir a produção e distribuição por si mesmos. Os corpos de delegados, os “conselhos operários” são os instrumentos para organização das empresas separadas em uma totalidade. Demonstrou-se que esta não era simplesmente uma forma possível e melhor que o socialismo de Estado, mas que era a única forma possível. Não é possível para uma burocracia central de funcionários e especialistas determinar todas as necessidades, prescrever todo o trabalho e supervisionar todos os processos em seus detalhes; todos os sistemas

propostos conduzem à arbitrariedade na distribuição por uma minoria dominante. O autogoverno dos produtores livres e iguais, por outra parte, podia regular a produção e distribuição sem dificuldade, sendo as regras e decisões impostas por realidades econômicas. As dificuldades surgem da interposição de um poder estatal entre a produção e o consumo. Desta maneira, as aspirações de autodeterminação que surgiam nos operários, do mero sentimento e do programa político se converteram na encarnação de uma necessidade econômica. Desta maneira se estabeleceu um fundamento científico para a tarefa de autolibertação da classe operária.

É lamentável que este livro não esteja acessível para os operários ingleses (a maior parte da edição na Alemanha foi destruída com a ascensão do nazismo), porque sua base prática poderia ter apelado com intensidade à mentalidade prática inglesa. Agora que o capitalismo cresceu em um poder internacional, e as condições de luta tendem a ser mais uniformes no mundo, os operários em todos os países deveriam investir mais tempo em um intercambio internacional de experiências e idéias.

Naquele momento, este estudo deu um forte impulso à propaganda do pequeno grupo. Em sua declaração de princípios o GIC recusou os partidos políticos e os sindicatos e proclamou os conselhos operários como a forma de organização do autogoverno. Conclamou os operários a encarar a luta pela produção comunista, a tomar em suas próprias mãos a direção e administração da produção e distribuição de acordo com uma planificação geral, e realizar, desta forma, a associação de produtores livres e iguais.

O GIC não se constituiu em novo partido que buscava conseguir aderentes; expôs o princípio de que em toda ação prática de luta verdadeira os operários têm que atuar – e atuarão – com uma

unidade sólida, contra a qual as diferenças entre os grupos e os partidos e os sindicatos são fúteis. Além de vários panfletos, o GIC produziu regularmente “materiais de imprensa” postos à disposição de todos os grupos que quiseram publicá-los, nos quais se tratavam dos eventos contemporâneos a partir deste novo ponto de vista. Assim, em discussão amistosa com outros grupos esquerdistas, opondo-se intensa e fundamentalmente aos socialistas no poder e aos partidos comunistas, o GIC difundiu suas idéias. No Raete-Korrespondenz (Correspondência Conselhistas), de periodicidade irregular, abordavam questões teóricas. Em 1938, o GIC publicou em alemão *Lenin als Philosoph (Lênin Filósofo)*, no qual se demonstra que Lênin, em suas idéias filosóficas básicas, se encontrava em uma posição oposta ao marxismo; pela carência de meios financeiros só pode ser publicada em um número limitado de cópias.

Depois da guerra, o GIC se articulou com o grupo Spartacus que, em grande parte, seguiu na mesma direção; o qual tinha um número de membros maior, porém na luta clandestina contra os alemães havia perdido seus porta-vozes mais proeminentes. Agora publicam em conjunto o semanário Spartacus, o único semanário que faz da luta de classe inflexível da classe operária pela liberdade e domínio da produção a base e o conteúdo de toda a sua propaganda. Um livro sobre *De Arbeudersraven (Os Conselhos Operários)*, expondo estas opiniões (que também existe em versão inglesa em manuscrito), foi publicado por eles no ano passado.

Artigo publicado originalmente em 1947.

Tradução: Nildo Viana.